



## Sofistas e Polemistas: Os Protagonistas da Retórica<sup>1</sup>

Marcio Poetsch FERREIRA<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho faz referência à contextualização histórica sobre a arte da retórica, através do movimento sofístico e sua relação com o polemismo, enquanto gênero jornalístico. Trata-se da apresentação da personalidade do cidadão que vislumbra a oportunidade de fazer valer o seu *insight*, ou seja, propagar tudo aquilo que a sociedade em geral visualiza como impróprio. Seu desejo é quebrar tabus, questionar o até então inquestionável.

**PALAVRAS-CHAVE:** sofistas; polemistas; retórica; discurso; jornalismo.

### 1. OS SOFISTAS

O movimento sofístico se originou no século V a.C. e se deu após uma mudança de rumo na Grécia antiga. Assim, os fatos, anteriores a este século, possuíam um caráter cosmológico, isto é, eram tratados através do misticismo, da religiosidade, ou seja, cultuavam-se os deuses gregos. A este período convencionou-se chamar de Pré-socrático.

O homem grego, ávido de independência em face dos fenômenos naturais e das crenças sobrenaturais, vê-se, historicamente, investido de condições de alforriar-se dessa tradição. É um dizer sofístico, de autoria de Protágoras, esse que diz: o homem é a medida de todas as coisas [...] (BITTAR; ALMEIDA, 2004, p. 56).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação Social pela PUC-RS



Ainda, de acordo com os autores, no século V a.C., foi possível a solidificação das condições que facultavam as atenções da humanidade voltadas para as necessidades do homem, tais como: problemas sociais, comércio, discussões políticas, etc. Desta forma, com o movimento sofístico, os indivíduos voltaram-se às questões ligadas às manifestações e às deliberações, ao convencimento dos pares e ao alcance da notoriedade no espaço das audiências públicas.

Com o movimento sofístico, os intelectuais à época eram tidos somente como bons oradores. Assim, Bittar e Almeida (2004, p. 57) destacam que: “O que de fato ocorre é que, desde Platão e Aristóteles, passou-se a tratar a diversidade dos sofistas como um grande conjunto indiferenciado de pensadores e de técnicos da palavra”.

Também como consequência disto, tanto Platão quanto Sócrates, dois dos maiores pensadores da Grécia antiga, não viam os sofistas com bons olhos. Platão sugeria que o importante era o intelecto de cada pessoa, isto é, a filosofia, a razão. Esta tinha por virtude a essência, o conhecimento e a sabedoria, enquanto os adjetivos, para caracterizar o movimento sofístico, eram de acordo com ele, apenas considerando a aparência, a opinião e a retórica. Ribeiro acrescenta que, para Platão:

[...] os sofistas teriam sido um bando de professores charlatães que prometiam ensinar aos jovens atenienses, mediante um pagamento generoso, algo que era, na melhor das hipóteses, uma pseudo-sabedoria oca e, na pior, um “ensino profundamente imoral (RIBEIRO, 2006, p. 93).

Para Guthrie (2005), esta definição de desprezo aos sofistas abrangia também outro grande pensador da Grécia antiga, Aristóteles. Assim, é descrito, em seu livro, denominado *Os Sofistas*, a alegação de que Aristóteles referia-se a estes também como indivíduos que ganham dinheiro com uma sabedoria inexistente.

Com tais retaliações sobre seu movimento, a palavra “sofista” passou a ter cunho pejorativo, depreciativo, já que designava aquela pessoa que não era sábia, mas que pretendia ser.

Assim, os sofistas eram discriminados no século V, a.C. e considerados culpados pelo declínio moral de Atenas.



Na Grécia, o sucesso que contava era primeiramente político e, em segundo lugar, forense, e a sua arma era a retórica, a arte da persuasão. Seguindo a analogia, pode-se atribuir à retórica o lugar agora ocupado pela propaganda. Com certeza, a arte da persuasão, amiúde por meios dúbios, não era menos poderosa então, e, assim como temos nossas escolas de negócio e escolas de propaganda, assim também os gregos tinham seus mestres de política e retórica: os sofistas (GUTHRIE, 2005, p. 51).

Assim, Platão argumentava que a retórica dos sofistas tinha um viés de “maquiagem”, ou seja, visava a “aparentar ser”. Dessa forma, a retórica era classificada como pertencente ao campo das artes, pois o seu foco estava em apenas agradar o ouvinte através do prazer sensorial. Não desejava tornar as pessoas mais capacitadas intelectualmente. Nesse mesmo sentido, Guthrie (2005) enfatiza que os sofistas competiam entre si: Em jogo estava o poder de persuasão de seus discursos. Este método de debates públicos tem como objetivo o treinamento da sofística, desenvolvendo a capacidade de o orador fazer o argumento mais fraco parecer o mais forte. Afirmava-se que a verdade era relativa e que ninguém poderia afirmar, por decorrência, o que é certo.

A técnica do “*assopra e bate*” também possui sua origem no sofismo. Tal procedência se deu com a capacidade de alguns oradores em tirar o mérito de seu opositor, através do enaltecimento de uma causa, louvando-a, e, seguidamente, imputando a ela defeitos. Este método é utilizado nos atuais dias, principalmente na classe política, em que é necessária a agressão ao inimigo/opositor em benefício às suas causas, ou as do partido.

No “jogo” da retórica, conforme se percebe, questiona-se o lado que remete à discórdia. Ribeiro (2006, p. 98), afirma que “Isócrates, por exemplo, hoje classificado como retórico, considerava a si próprio um filósofo e colocava Platão e Sócrates no grupo dos que “encontravam prazer em defender teses implausíveis”.

A arte da retórica é sutil, ou seja, passa despercebida se o orador é eficaz. Tal discurso traz consigo a rendição do outro, através do convencimento daquilo que se almeja. Tordesillas (2004, p. 659) assinala que: [...] “Eu ouvi Górgias repetir, em todas as ocasiões, que a arte de persuadir ultrapassa em muito todas as outras, pois ela serve a



seu império pelo consentimento e não pela força e, de todas as artes, é realmente a mais excelente”.

Alternadamente, muitos sofistas prestavam um exibicionismo prolongado sobre o tema previamente estudado. Guthrie (2005, p. 51) diz que a explanação retórica era considerada como uma deusa grega, ou seja, “a feiticeira à qual nada se nega”.

Os sofistas davam sua instrução quer a grupos pequenos ou seminários, quer em conferências públicas ou ‘exibições’. Os primeiros podem ter sido realizados na casa do patrono de Cálías, o homem mais rico de Atenas, de quem se disse que gastou mais dinheiro como os sofistas do que qualquer outro (GUTHRIE, 2005, p. 43).

Os oradores à época eram cidadãos narcisistas, que cultuavam a conquista da fama, atingindo a notoriedade pública. Pode-se fazer um paralelo com os polemistas atuais, pois estes buscam igualmente a notoriedade não somente pela retórica, mas também mediante um embasamento intelectual que sustente seus argumentos.

O culto à fama dos sofistas era explícito em competições por prêmios em festivais e torneios, assim como a dos atletas em Olímpia. Para os sofistas, a retórica era uma batalha verbal que sempre possuía um vencedor e um perdedor. Guthrie (2005, p. 45) acrescenta: “Hípias fala de ‘entrar nas listas’ em Olímpia e de não ser batido”. Tais festivais eram a oportunidade de todas as cidades-Estado gregas se encontrarem e esquecerem suas diferenças. Nesta época, o objetivo do discurso era a aparência. Em boa medida, é o que ocorre ainda hoje.

## **2 O POLEMISTA**

O *status-quo* é uma denominação que remete ao “estado atual das coisas”. Nessa situação, não se vislumbra nem se almeja mudanças de qualquer ordem. O oposto disto é a inquietação. Esta semeia novos horizontes, novos riscos e principalmente conflitos. Ao chocarem-se, estes pólos conservadores e inquietos tornam-se rivais/divergentes. Enquanto um anseia pela manutenção da situação atual, o outro busca o que não se tem. Há, então, uma queda de braços entre o imediatismo (e o medo de perder o que já foi



adquirido) e o reformista (e seu espírito de aventura). Conforme Wainberg *et al.* (2002), “o polemista é um ser *sui generis*, ou seja, é aquela pessoa que deseja estar onde todas as outras se recusam, ficando, portanto, à margem do dito ‘senso comum’”.

Desta forma, jornalistas conservadores não acolhem o jornalista polemista, pois são avessos à sua crítica voraz e impertinente. Consideram-no um aproveitador, um ser paradoxal e marginal.

Assim, o pólo conservador sente-se lesado com as revoluções idealizadas por seus colegas considerados “utópicos” e passa a enxergar os mesmos como “vedetes” da profissão ou até mesmo profissionais frustrados.

O fato é que a história mostra que o surgimento deste gênero jornalístico foi intensamente praticado no século XX. Ele se desenvolveu através da luta pelo poder, ou seja, por ação de imprensa partidária e militante que migrava em direção contrária à ética estabelecida por aqueles considerados meros “reprodutores da notícia”.

Na história do jornalismo sempre foi possível distinguir este segmento da contracultura, vocacionado ao *underground*, ou de oposição política, na qual se confunde a informação com a propaganda. A imprensa polemista vive destes embates, mas seu público é sectário sempre. Cabe recordar a experiência da imprensa partidária da República de Weimar. Os jornalistas tornaram-se, neste curto e trágico período, mais militantes de partidos políticos em luta pelo poder e menos, muito menos, agentes do esclarecimento público (WAINBERG *et al.*, 2002)

Este confronto entre o tradicional e o novo já tinha aparecido na imprensa brasileira em 1808. Segundo Petrik (2006), foi devido a esse intuito de novidade que a primeira publicação nacional, a ser editada por Hipólito José da Costa, foi impedida de circular no país. A seu tempo e naquele contexto, Hipólito era um polemista.

Pode-se dizer, dessa forma, que o polemista é um autor que se auto-recicla regularmente. Em outras palavras, Wainberg *et al.* (2002) destacam que o polemista é um inovador que junta peças diversas e acaba por criar um novo ser. Outra característica peculiar é que este nunca reconhece seu erro, pois, se assim o faz, perde a referência de “profeta”, de senhor da razão e de revolucionário.



Como afirmam Wainberg *et al.* (2002), em função do polemista, e, como consequência à polêmica, as crenças são desafiadas. Os autores sugerem também que não é a presença do polemista que determina o caráter polêmico de determinado tema, mas, sim, a função de romper com o trivial, já que o polemista é anterior à polêmica. Dito de outro modo, a função do polemista é a de surpreender a guarda, pegar o inimigo desprevenido.

Para que essa “guarda” possa ser surpreendida, este tem de se visualizar como um “semi-deus”. Quando redige uma matéria ou emite uma opinião, não pondera sobre outros pontos de vista.

A controvérsia é raramente bem vinda ao ambiente jornalístico. O polemista rejeita o corporativismo. Um exemplo desse tipo de comportamento é o fato de a imprensa não ter citado, em 2006, o nome do assessor de imprensa do então ministro da Fazenda, Antônio Palocci, que havia quebrado o sigilo bancário do caseiro e opositor ao então ministro. Prevaleceu a cultura de preservar colegas de profissão. O nome acabou revelado pelo polemista Diogo Mainardi em sua coluna semanal da revista *Veja*<sup>3</sup>.

No Brasil, percebe-se a intervenção de um polemista, em especial, quando ocorrem disputas entre dois grupos divergentes. Os “PTelhos” e “tucanalhas” são exemplos destes grupos. Foram assim denominados em alusão aos dois principais partidos políticos aqui existentes. Nesse tipo de confronto, o importante não é a busca de soluções, mas, sim, da disputa. Acusa-se o rival, antes de tudo, enaltecendo a si mesmo como o visionário do além.

É através deste tipo de confronto que se dissemina o novo. Em outras palavras, a partir do caos se gera a ordem. O confronto e o conflito são traumáticos, porém necessários para a sociedade sair da inércia e buscar novos desafios. Para este objetivo, não há melhor motivador que o polemista. De acordo com Petrik (2006, p. 116), a figura do polemista é tão importante para o jornalismo que “excluir o polemista do âmbito do jornalismo é esforço explicável apenas como forma de confortar a rejeição e o mal estar que provocam – inclusive, e principalmente, entre os demais jornalistas”.

---

<sup>3</sup> *Veja*, 26 abr. 2006, p. 29.



A “manutenção” do *status quo*, citado inicialmente, quando em excesso, acarreta um sedentarismo intelectual. É preciso a ambição, pois é ela que proporciona os novos desafios da vida. O polemista o desperta, através do discurso polêmico.

## 2.1 O DISCURSO POLÊMICO

O discurso polêmico ainda não recebeu devida atenção por parte da academia. Isto é constatado pela pequena bibliografia encontrada sobre este tema. Assim, Wainberg *et al.* (2002) destacam que: “há que se dizer por fim que nem o tema polêmico nem a cobertura polêmica demandam uma mídia polemista. Ela existe, mas este é um terceiro e distinto caso”.

O termo polêmica banalizou-se, difundiu-se nas manchetes jornalísticas e extrapolou seu significado original. A ancestralidade do assunto nos remete aos gregos, que têm nos filósofos pré-socráticos os primeiros observadores, ainda que não de forma tão explícita. O termo polêmica origina-se do grego *polemos*, luta, embate conflito. Carrega, portanto, sempre consigo um dilema, algo a ser respondido (PETRIK, 2006, p. 12).

A polêmica necessita ter uma forma, ou seja, um rosto que deve ser a marca e a credibilidade do texto. Deve ser o alvo, a referência e o carrasco. Nesse mesmo sentido, Wainberg *et al.* (2002) afirmam que “de fato, não se supõe razoável um texto polêmico anônimo de interlocutores. A pessoalização dramática dos envolvidos é uma das marcas mais típicas do DP”.

Desta maneira, é a dramatização a ferramenta primordial para que o “ator” polemista usufrua de seus atributos, com o objetivo de chamar a atenção de seu público. Ela representa sua maneira de ser e de pensar. Um exemplo dessa pessoalização dramática se deu com a teatralidade de um dos pioneiros do gênero: Paulo Francis, falecido no ano de 1997, mas que notabilizou-se como polemista em meados da década de 1980. Francis tornou-se folclórico, pois criou um personagem de si mesmo, sobretudo através de sua fala. O polemista aumentava a entonação na última palavra de cada frase. Dessa maneira, até mesmo as crianças começaram a imitá-lo. Os constantes ataques de Francis eram pessoais, diferentemente do que se vê entre os polemistas nos



atuais dias. Petrik (2006) destaca que, certa vez, Francis insultou a atriz Tônia Carrero, chamando-a de “prostituta”. Tal fato se deu em virtude da existência de um artigo escrito por Carrero em um jornal carioca, no qual Francis ofendeu-se com a argumentação da atriz sobre a sua suposta promiscuidade sexual, o que não era verdade.

Nesse mesmo sentido, Wainberg *et al.* (2002) afirmam que: “a polêmica, por isso, é sempre um show de esgrima no qual o inimigo é visível. Para conseguir mobilizar seus efeitos de cólera e paixão, tal controvérsia é pública sempre e não titubeia em aprisionar no alvo o opositor”. Tais autores vão além, mencionando o termo “gladiadores em luta”.

Para representar um gladiador, é necessária uma ousadia adicional à encontrada em um cidadão comum. É alicerçada pela opinião, ou seja, pela busca de uma explicação, que desperta no indivíduo uma angústia. Uma angústia que deriva do processo criativo que, enquanto não é definido, gera uma inquietude.

Se dependesse da ideologia conservadora, o mundo não evoluiria. Para efeito de exemplificação, bastaria imaginar a decisão de Cristóvão Colombo em capitanear inúmeras caravelas rumo ao então desconhecido. Dessa forma, constata-se que Colombo era um ser à margem de sua época. Muitos o viam como um lunático, um ser utópico. O mesmo ocorreu com outras tantas personalidades da história. O que diriam de Colombo naquela época? O que diriam de Friedrich Nietzsche e de Freud, que foram homens muito à frente de seus tempos e viveram em sociedades altamente conservadoras.

Sobre este tema cabe lembrar o que nos diz Jody Berland, especialista em geografia das comunicações da *York University*. ‘Que é uma margem?’, perguntou ele a um amigo seu. ‘É o que está fora do corpo do texto’, respondeu-lhe o amigo. ‘É o que mantém a página unida. É também onde você escreve as notas’. (WAINBERG *et al.*, 2002)

A verdade é que as pessoas têm resistência ao novo. Porém, quando a tradição é quebrada, avança-se.

Constata-se que as normas dão uma orientação para o comportamento das pessoas. O polemista, no entanto, as confronta e as desafia.





O conflito se dá e assim sempre se dará, visto que, de acordo com Overberg (1999, p. 68), “[...] a diversidade de critérios nos lembra que pessoas sinceras podem chegar a conclusões diferentes”. Assim, o discernimento de um indivíduo está além do alcance do outro.

O emissor/ideólogo do confronto de idéias faz, por exemplo, com que os receptores passem a ler mais escritos em jornais, sejam espectadores assíduos de programas de televisão, demonstrando sentimentos de amor ou de ódio com algo ou alguém. Em outras palavras, trata-se aqui de uma relação extrema, isto é, praticamente não existe meio termo. Dessa forma, o articulista desperta a reflexão, muitas vezes nunca pensada pelos receptores, já que, como se vê, a verdade é pré-concebida através do tempo. Nesta mesma perspectiva, Gomes (2003, p. 80) propõe que: “na subjetividade do texto, aparece a saída para um tipo de jornalismo menos comprometido com a imagem imediata e, mais reflexivo, no sentido da interpretação dos fatos”.

É importante enfatizar que a imagem imediata é fruto do jornalismo do ocidente, ou seja, um jornalismo causa e efeito, proveniente de René Descartes. Por isso, o termo “polemismo” é novo. No entanto, a sua essência é velha, ou seja, ela estimula a reflexão, fazendo com que o leitor tenha que dissecar a informação proveniente daquele texto.

Nesta tradição de crítica ao cartesianismo, vale destacar o físico austríaco, Fritjof Capra, que lançou, em 1982, o livro *Ponto de Mutação*. Nele, Capra faz duras críticas ao pensamento cartesiano na Biologia, na Psicologia, na Medicina e na Economia, exemplificando como esta abordagem ocidental reducionista de encarar o mundo acarreta impasses repentinos e radicais. Assim, Capra destaca o pensamento sistêmico como mais eficaz do que o pensamento cartesiano.

Assim, conforme Gomes (2003), o polemismo lida com esta transdisciplinariedade, proveniente do pensamento sistêmico, que tem por objetivo analisar o maior contexto possível. Afirma ainda o autor que, com a visão sistêmica, têm-se vários ângulos para que se possa analisar o mesmo fato, rompendo paradigmas. Nesse contexto, Gomes (2003, p. 85) afirma que: “a ironia é o procedimento pelo qual se desmontam os clichês e se tenta mostrar o engano da percepção escondido em verdades bem assentadas”.



A ironia é também referenciada nos novos meios de comunicação, tal como a *internet*. Ironicamente, faz-se uso de citações comuns como: “kkk”, “hahaha” ou até mesmo “rsrsrs”. O fato é que estas construções de risadas são uma maneira de polemizar um enunciado desprovido de uma determinada entonação fonética, necessária para o discurso polemista como fala.

### 3 CONCLUSÃO

Conclui-se, pois, que o polemismo, enquanto gênero jornalístico, realça um aspecto clássico da sofística: ganha quem “ataca” mais seu rival. O importante é o “parecer ser imbatível”. Nos atuais dias, a opinião pública receptora às mensagens dos polemistas quer ver o confronto de idéias/pessoas e não meramente uma reprodução de fatos.

Para fins exemplificativos, vale destacar que no momento da elaboração deste artigo, a mídia norte-americana questiona o insucesso de audiência da rede de televisão CNN. Verifica-se que, esta que já foi a maior emissora de notícias dos Estados Unidos e que procura abster-se de opinião, perdeu considerável espaço de audiência para outras emissoras concorrentes que emitem sua ideologia, seja através de editoriais, seja através de polemistas contratados.

### 4 REFERÊNCIAS

BITTAR, Eduardo; ALMEIDA, Guilherme. **Curso de filosofia do direito: panoramas históricos, tópicos conceituais**. São Paulo: Atlas, 2004.

GOMES, Luis Antônio Paim. **A pós-modernidade na crônica jornalística de Diogo Mainardi**. PUCRS, 2003. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social), Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

GUTHRIE, W.K.C. **Os sofistas**. São Paulo: Paulus, 1995.

OVERBERG, Kenneth. **Consciência em conflito**. São Paulo: Paulus, 1999.

PETRIK, Manuel. **O duelo verbal: um estudo sobre o polemista no jornalismo**. Porto Alegre: PUCRS, 2006. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social), Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

RIBEIRO, André Antônio. **A filosofia da linguagem em Platão**. Porto Alegre: PUCRS, 2006. Dissertação (Mestrado em Filosofia), Faculdade de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.



SOUSA, Mauro. Nietzsche: sobre a arte do discurso. **Revista Reflexão**, Campinas: PUCCAMP, n. 90, p. 95-105, dez 2006.

TORDESILLAS, Alonso. Platão e os Sofistas: um amigo de Sócrates, pródicos de céos. **Revista Veritas**, Porto Alegre, v. 49, n. 196, 2004.

WAINBERG, Jacques; CAMPOS, Jorge; BEHS, Edelberto. Polemista, o personagem esquecido do jornalismo. **INTERCOM – Revista Brasileira de Comunicação**, São Paulo, v. XXV, n. 1, p. 47-68, 2002.